

LIÇÃO 3 - A Significação Diversa do Som Vocal

16a 9 Assim como às vezes há pensamento na alma sem que seja verdadeiro ou falso, mas às vezes é necessário que seja um ou outro, assim também é no som vocal;

16a 12 pois na composição e na divisão há verdade e falsidade.

16a 13 Nomes e verbos, então, são como pensamento sem composição ou divisão, por exemplo, "homem" e "branco" quando nada é acrescentado; pois nem um nem outro é ainda verdadeiro ou falso.

16a 16 Um sinal disso é que "bode-cervo" significa algo, mas não é verdadeiro nem falso a menos que "ser" ou "não ser" seja acrescentado, seja absolutamente ou segundo o tempo.

1. Após o Filósofo ter tratado da ordem da significação dos sons vocais, ele passa a discutir uma diversidade na significação dos sons vocais, i.e., alguns deles significam o verdadeiro ou o falso, outros não. Ele primeiro afirma a diferença e depois a manifesta onde diz: "pois na composição e na divisão há verdade e falsidade". Ora, porque na ordem da natureza as concepções do intelecto precedem os sons vocais, que são emitidos para expressá-las, ele atribui a diferença em relação às significações dos sons vocais a partir de uma semelhança com a diferença na inteligência. Assim, a manifestação é a partir de uma semelhança e, ao mesmo tempo, a partir da causa que os efeitos imitam.

2. A operação do intelecto é dupla, como foi dito no início, e como é explicado em *De anima* III [6: 430a 26]. Ora, a verdade e a falsidade são encontradas em uma dessas operações, mas não na outra. É isso que Aristóteles diz no início desta parte do texto, i.e., que na alma às vezes há pensamento sem verdade e falsidade, mas às vezes ele necessariamente tem um ou outro destes. E, uma vez que os sons vocais significativos são formados para expressar essas concepções do intelecto, é necessário que alguns sons vocais significativos signifiquem sem verdade e falsidade, outros com verdade e falsidade — para que o signo seja conforme ao significado.

3. Em seguida, quando diz *pois na composição e na divisão há verdade e falsidade*, ele manifesta o que acabou de dizer: primeiro, em relação ao que disse sobre o pensamento; segundo, em relação ao que disse sobre a semelhança dos sons vocais com o pensamento, onde diz *Nomes e verbos, portanto, são como o entendimento sem composição ou divisão*, etc.

Para mostrar que às vezes há pensamento sem verdade ou falsidade e, às vezes, acompanhado de uma delas, ele diz primeiro que a verdade e a falsidade dizem respeito à composição e à divisão. Para entender isso, devemos notar novamente que uma das duas operações do intelecto é o

entendimento do que é indivisível. O intelecto faz isso quando entende a quiddidade ou essência de uma coisa absolutamente, por exemplo, o que é o homem, ou o que é o branco, ou o que é algo desse tipo. A outra operação é aquela em que ele compõe e divide conceitos simples desse tipo. Ele diz que nessa segunda operação do intelecto, isto é, compor e dividir, encontra-se verdade e falsidade; a conclusão é que isso não se encontra na primeira, como ele também diz em *III De anima* [6: 430a 26].

4. Parece haver uma dificuldade quanto a esse ponto, pois a divisão é feita por resolução ao que é indivisível ou simples e, portanto, parece que, assim como a verdade e a falsidade não estão nas coisas simples, também não estão na divisão.

Para responder a isso, deve-se apontar que as concepções do intelecto são semelhanças das coisas e, portanto, as coisas que estão no intelecto podem ser consideradas e nomeadas de duas maneiras: segundo elas mesmas e segundo a natureza das coisas das quais são semelhanças. Pois assim como uma estátua — digamos, de Hércules — em si mesma é chamada e é bronze, mas como semelhança de Hércules é nomeada homem, assim, se considerarmos as coisas que estão no intelecto em si mesmas, há sempre composição onde há verdade e falsidade, pois nunca são encontradas no intelecto exceto quando ele compara um conceito simples com outro. Mas se a composição é referida à realidade, às vezes é chamada de composição, às vezes de divisão: composição, quando o intelecto compara um conceito a outro como que apreendendo uma conjunção ou identidade das coisas das quais são concepções; divisão, quando ele compara um conceito a outro de modo que apreende as coisas como diversas. No som vocal, portanto, a afirmação é chamada de composição na medida em que significa uma conjunção por parte da coisa, e a negação é chamada de divisão na medida em que significa a separação das coisas.

5. Há ainda outra objeção em relação a esse ponto. Parece que a verdade não está apenas na composição e na divisão, pois uma coisa também é dita verdadeira ou falsa. Por exemplo, o ouro é dito ouro verdadeiro ou ouro falso.

Além disso, o ser e o verdadeiro são ditos conversíveis. Parece, portanto, que a concepção simples do intelecto, que é uma semelhança da coisa, também possui verdade e falsidade.

Novamente, o Filósofo diz em seu livro *De anima* [II, 6: 418a 15] que a sensação dos sensíveis próprios é sempre verdadeira. Mas o sentido não compõe nem divide. Portanto, a verdade não está exclusivamente na composição e na divisão.

Além disso, no intelecto divino não há composição, como é provado em *XII Metaphysicae* [9: 1074b 15–1075a 11]. Mas a primeira e mais alta verdade está no intelecto divino. Portanto, a verdade não está exclusivamente na composição e na divisão.

6. Para responder a essas dificuldades, as seguintes considerações são necessárias. A verdade é encontrada em algo de duas maneiras: como está naquilo que é verdadeiro e como está naquele que fala ou conhece a verdade. A verdade como está naquilo que é verdadeiro é encontrada tanto em coisas simples quanto em coisas compostas, mas a verdade naquele que fala ou conhece a verdade é encontrada apenas segundo a composição e a divisão. Isso ficará claro no que se segue.

7. A verdade, como diz o Filósofo em *VI Ethicorum* [2: 1139a 28-30], é o bem do intelecto. Portanto, qualquer coisa que seja dita verdadeira o é por referência ao intelecto. Ora, os sons vocais estão relacionados ao pensamento como signos, mas as coisas estão relacionadas ao pensamento como aquilo de que os pensamentos são semelhanças. Deve-se notar, no entanto, que uma coisa está relacionada ao pensamento de duas maneiras: de um modo, como a medida ao medido, e essa é a maneira como as coisas naturais estão relacionadas ao intelecto especulativo humano. Donde o pensamento é dito verdadeiro na medida em que está conforme à coisa, mas falso na medida em que não está em conformidade com a coisa.

No entanto, uma coisa natural não é dita verdadeira em relação ao nosso pensamento da maneira como foi ensinada por certos filósofos naturais antigos que supunham a verdade das coisas apenas no que elas pareciam ser. Segundo essa visão, seguir-se-ia que contraditórios poderiam ser simultaneamente verdadeiros, já que as opiniões de diferentes homens podem ser contraditórias. Contudo, algumas coisas são ditas verdadeiras ou falsas em relação ao nosso pensamento — não essencial ou formalmente, mas efetivamente — na medida em que são constituídas naturalmente de modo a causar uma estimativa verdadeira ou falsa de si mesmas. É dessa maneira que o ouro é dito verdadeiro ou falso.

De outro modo, as coisas são comparadas ao pensamento como o medido à medida, como é evidente no intelecto prático, que é causa das coisas. Dessa maneira, a obra de um artífice é dita verdadeira na medida em que realiza a concepção na mente do artista, e falsa na medida em que fica aquém dessa concepção.

8. Ora, todas as coisas naturais estão relacionadas ao intelecto divino como artefatos à arte e, portanto, uma coisa é dita verdadeira na medida em que possui sua própria forma, segundo a qual representa a arte divina; o ouro falso, por exemplo, é cobre verdadeiro. É em termos disso que o ser e o verdadeiro são convertidos, já que qualquer coisa natural é conforme à arte divina por meio de sua forma. Por essa razão, o Filósofo em *I Physicae* [9: 192a 17] diz que a forma é algo divino.

9. E assim como uma coisa é dita verdadeira por comparação à sua medida, também a sensação ou o pensamento, cuja medida é a coisa fora da alma. Portanto, a sensação é dita verdadeira quando o sentido, por meio de sua forma, está em conformidade com a coisa existente fora da alma. É dessa maneira que a sensação dos sensíveis próprios é verdadeira, e o intelecto que apreende o que uma coisa é, sem composição e divisão, é sempre verdadeiro, como é dito em *III De anima* [3: 427b 12; 428a 11; 6: 43a 26].

Deve-se notar, no entanto, que embora a sensação do objeto próprio seja verdadeira, o sentido não percebe que a sensação é verdadeira, pois não pode conhecer sua relação de conformidade com a coisa, mas apenas apreende a coisa. O intelecto, por outro lado, pode conhecer sua relação de conformidade e, portanto, apenas o intelecto pode conhecer a verdade. Esta é a razão pela qual o Filósofo diz em *VI Metaphysicae* [4: 1027b 26] que a verdade está apenas na mente, isto é, naquele que conhece a verdade.

Conhecer essa relação de conformidade é julgar que uma coisa é tal ou não é, o que é compor e dividir; portanto, o intelecto só conhece a verdade compondo e dividindo por meio de seu juízo. Se o juízo está de acordo com as coisas, será verdadeiro, isto é, quando o intelecto julga que uma

coisa é o que é ou que não é o que não é. O juízo será falso quando não estiver de acordo com a coisa, isto é, quando julga que o que é não é, ou que o que não é é. Fica evidente, a partir disso, que a verdade e a falsidade, como estão em quem conhece e fala, só existem na composição e divisão.

É disso que o Filósofo está falando aqui. E uma vez que os sons vocais são sinais do pensamento, aquele som vocal será verdadeiro que significa pensamento verdadeiro, falso aquele que significa pensamento falso, embora o som vocal, enquanto coisa real, seja dito verdadeiro da mesma forma que outras coisas. Assim, o som vocal "Homem é um asno" é verdadeiramente som vocal e verdadeiramente um sinal, mas porque é sinal de algo falso, é dito falso.

10. Deve-se notar que o Filósofo está falando aqui da verdade em relação ao intelecto humano, que julga a conformidade das coisas e do pensamento compondo e dividindo. Contudo, o juízo do intelecto divino sobre isso é sem composição e divisão, pois, assim como nosso intelecto entende as coisas materiais imaterialmente, o intelecto divino conhece a composição e divisão de modo simples.

11. Quando ele diz: *Nomes e verbos, então, são como pensamento sem composição ou divisão*, manifesta o que disse sobre a semelhança dos sons vocais com o pensamento. Em seguida, prova-o por um sinal quando diz: *Um sinal disso é que "cervo-cabra" significa algo, mas não é nem verdadeiro nem falso, etc.*

Aqui ele conclui do que foi dito que, como a verdade e a falsidade estão no intelecto apenas quando há composição ou divisão, segue-se que nomes e verbos, tomados separadamente, são como pensamento sem composição e divisão; como quando dizemos "homem" ou "branco", e nada mais é acrescentado. Pois estes não são nem verdadeiros nem falsos neste ponto, mas quando "ser" ou "não ser" é acrescentado, tornam-se verdadeiros ou falsos.

12. Embora se possa pensar assim, o caso de alguém dar um nome único como resposta verdadeira a uma pergunta não é uma instância que possa ser levantada contra esta posição; por exemplo, suponha que alguém pergunte: "O que nada no mar?" e a resposta seja "Peixe"; isso não se opõe à posição que Aristóteles está tomando aqui, pois o verbo que foi posto na pergunta está subentendido. E assim como o nome dito por si só não significa verdade ou falsidade, também o verbo dito por si só não o faz. Os verbos de primeira e segunda pessoa e o verbo intransitivo não são instâncias opostas a esta posição, pois nestes um nominativo particular e determinado está subentendido. Consequentemente, há composição implícita, embora não explícita.

13. Então ele diz: *Um sinal disso é que "cervo-cabra" significa algo, mas não é nem verdadeiro nem falso a menos que "ser" ou "não ser" seja acrescentado, seja absolutamente ou segundo o tempo.* Aqui ele introduz como sinal o nome composto "cervo-cabra", de "cervo" e "cabra". Em grego, a palavra é "tragelaphos", de "tragos" que significa cabra e "elaphos" que significa cervo. Ora, nomes desse tipo significam algo, a saber, certos conceitos simples (embora as coisas que significam sejam compostas) e, portanto, não são verdadeiros ou falsos a menos que "ser" ou "não ser" seja acrescentado, pelo qual um juízo do intelecto é expresso. O "ser" ou "não ser" pode ser acrescentado segundo o tempo presente, que é ser ou não ser em ato e, por essa razão, ser simplesmente; ou segundo o tempo passado ou futuro, que é ser relativamente, não

simplesmente; como quando dizemos que algo foi ou será.

Observe que Aristóteles usa expressamente como exemplo aqui um nome que significa algo que não existe na realidade, no qual a ficção é imediatamente evidente, e que não pode ser verdadeiro ou falso sem composição e divisão.

Revision #1

Created 19 September 2026 23:24:28 by Admin

Updated 19 September 2026 23:24:57 by Admin